

Resumo

---

Com a experiência de anos de trabalho na América Latina, o Professor Robert White, atualmente na Universidade Gregoriana de Roma, faz uma análise da evolução, da situação atual e dos desafios que se apresentam para a pesquisa no campo da comunicação para o desenvolvimento.

**Palavras-chave:** comunicação para o desenvolvimento, processos culturais, América Latina

Resumen

---

Con la experiencia de muchos años trabajando en países latinoamericanos, el Professor Robert White, hoy en la Universidad Gregoriana en Roma, hace un análisis de la evolución, de la situación actual y de los desafíos presentados a la investigación en el campo de la comunicación para el desarrollo.

**Palabras-clave:** comunicación para el desarrollo, procesos culturales, América Latina

Abstract

---

With the experience of many years living and working in Latin America, Professor Robert White, now a member of the Gregorian University in Rome, analyses the evolution, present situation and all the challenges presented to research in the area of communication and development.

**Keywords:** communication and development, cultural processes, Latin America

---

\* Robert White é coordenador do programa de doutorado em Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Gregoriana em Roma, onde também é professor de Ética e de Comunicação e Desenvolvimento.

\*\* Sonia Virgínia Moreira é jornalista, professora do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e editora da Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.

**Sonia V. Moreira** – *Professor White, como está a pesquisa sobre desenvolvimento nacional?*

**Robert White** – Acredito ser amplamente reconhecido que vivemos um impasse sobre o desenvolvimento socioeconômico quando se trata de teoria da pesquisa, política pública ou de como conseguir resultados práticos. Do ponto de vista econômico, a maioria das nações do Sul encontra-se numa posição de estagnação ou, como em alguns países da América Latina, em estado de total crise político-econômica. Provavelmente existe um grau maior de pobreza, especialmente nas populações rural e urbana de baixa renda, do que existia há quarenta anos. Politicamente, poucos países progrediram realmente no tocante à participação ampla, estável e democrática. Muitos continentes estão vivenciando uma série de guerras civis demolidoras. Na área da educação, a maioria dos indicadores mostra uma estagnação relativa. O fenômeno mais perturbador é a enorme lacuna entre o setor de classe média relativamente próspero e a classe marginal crescente dos sem-terra, desempregados ou subempregados, ou das populações flutuantes, migrantes, que vivem no limite da pobreza. O grande e crescente número de meninos de rua é apenas um indicador desta lacuna.

**Sonia V. Moreira** – *Em que área as pesquisas recentes focalizaram esse problema?*

**Robert White** – O interesse na pesquisa sobre comunicação e desenvolvimento no tratamento da comunicação com a população rural pobre foi ampliado recentemente. Há um número considerável de publicações sobre formas de comunicação participativa e alternativa nas zonas rurais. Melkote, em um de seus trabalhos, propôs a “capacitação” do pobre e do marginal como a questão central da comunicação para o desenvolvimento. No contexto da América Latina existem discussões sobre os novos movimentos entre mulheres, populações indígenas e jovens.

Esta ênfase na organização e capacitação do pobre e do marginal é muito bem-vinda, mas a reflexão sobre elas raramente vai além do nível “micro”. Não há uma teoria geral propondo um papel para a comunicação ou “capacitação” das zonas rurais no desenvolvimento nacional. Não é surpresa que, na prática, apenas alguns governos estejam levando-a em consideração. De fato, em muitos países – como o Brasil – a política e a legislação estão dando menos apoio às organizações de pessoas, como as cooperativas. As concepções neo-liberais dominantes da política de desenvolvimento não percebem o importante papel das abordagens da comunicação participativa. Minha própria pesquisa sobre comunicação para o desenvolvimento no contexto da América Latina focalizou, inicialmente, o papel da rádio comunitária em ajudar a população rural pobre (os *campesinos*) a organizar a base do poder social para influenciar significativamente a política nacional. A pesquisa que realizei em Honduras, na República Dominicana, e em outros países, considerou a análise de como a combinação de rádios comunitárias locais e a comunicação intergrupar poderiam apoiar os movimentos populares. Realmente, Honduras e outros países naquela época tinham movimentos populares expressivos e as novas formas alternativas de comunicação foram muito importantes na influência da política pública em favor da reforma agrária e da formação de um sistema de cooperativas de produção rural. Desenvolvemos, ainda, um modelo para a educação agrícola de pequenos lavradores usando o rádio, a comunicação intergrupar e outras formas de mídia alternativa. Posteriormente, alguns de nós trabalhamos no ILET (*Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales*) e com Rafael Roncagliolo para promover os esforços do NOMIC e a democratização da comunicação. Em meados e no final da década de 1980, quando fui diretor de pesquisa do Centro de Estudo de Comunicação e Cultura em Londres – e trabalhando com os movimentos NOMIC não somente na América Latina, mas também na África e na Ásia – ficou evidente que os movimentos para a melhoria da mídia na América Latina e outras partes do mundo não seriam consumados. A mídia servia cada vez mais à informação e a outras necessidades da classe média urbana, e todos os esforços para utilizar a mídia para o desenvolvimento e na participação da população rural pobre estavam sendo abandonados. Alguns podem argumentar que a *telenovela* era uma forma de mobilização política significativa, mas de difícil comprovação, creio eu.

**Sonia V. Moreira** – *Quais foram os obstáculos ou problemas encontrados no final dos anos 1980 e início dos anos 1990?*

**Robert White** – No início de 1990 era evidente que não tínhamos uma concepção de desenvolvimento nacional, mas três importantes paradigmas antagônicos: o paradigma da modernização favorecia amplamente investidores econômicos; o paradigma fortemente apoiado pelo governo como uma forma de aliança entre políticos militares e nacionalistas; e o paradigma do movimento popular surgido de uma aliança entre intelectuais de esquerda, líderes de movimentos populares, alguns elementos da Igreja e um considerável número de universitários frustrados, desempregados. Cada um destes grupos acreditava, de maneira bastante fundamentalista, que a versão do desenvolvimento era a única interpretação válida. O objetivo de cada grupo era obter o controle do aparato do Estado e reeducar a população de acordo com o seu ponto de vista. Se um grupo ganhasse o poder, os outros seriam quase totalmente excluídos. Por exemplo: todos os esforços para introduzir reformas fundamentais na mídia com maior responsabilidade pública e redução de propaganda excessiva em países como Peru, Venezuela e México tendiam a ser “exclusivas” de alguns dos maiores agentes sociais nessas nações. Conseqüentemente, os debates sobre política da mídia pública tendiam a ser bloqueados totalmente pelos grupos oponentes, que viam a si mesmos como perdedores absolutos na nova política da mídia pública. Em outras áreas de desenvolvimento, como a da reforma agrária, outro grupo dominante que seguisse um paradigma diferente de desenvolvimento também negava outros movimentos de novos agentes sociais. Nos piores casos, os grupos oponentes começavam uma guerra civil. A “guerra teórica” dos paradigmas do desenvolvimento gerou um tipo de princípio teórico indefinido, no mundo inteiro e evoluiu para uma série de guerras civis devastadoras e contínuas, violência espontânea, corrupção e repressão ditatorial. Em praticamente nenhum caso os grupos rivais foram capazes de chegar a um processo de negociação e inclusão de uma ampla variedade de agentes sociais. Após um período de absoluta

exaustão em conflito, a solução padrão era transferir o processo para agências internacionais externas, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, que trouxeram políticas favoráveis a países do centro do neo-liberalismo e ajustes estruturais.

**Sonia V. Moreira** – *Surgiram então novas concepções teóricas de desenvolvimento nacional a partir deste impasse?*

**Robert White** – Praticamente quase todas as teorias mais recentes que tratam de desenvolvimento enfatizam aquela integração cultural de unidades nacional e regional. Por exemplo: Jan Servaes, atualmente um dos principais teóricos da comunicação para o desenvolvimento, coloca muita ênfase nas dimensões culturais do desenvolvimento. As nações não podem conduzir sua independência política se não tiverem independência econômica, e a independência econômica não será possível se não houver independência cultural. Desde a época de Adam Smith os teóricos compreenderam que as culturas nacionais estabelecem os objetivos econômicos. Entretanto, a independência cultural não será possível se não houver independência da comunicação. Todas as nações da era moderna deram prioridade ao desenvolvimento de um sistema de comunicação interna como o princípio fundamental do desenvolvimento nacional. O segundo destaque é a necessidade da integração e cooperação regionais dentro do sistema internacional. Esta provou ser muito mais difícil do que muitos esperavam, porque a unidade nacional continua sendo a principal mobilização social aceita pelo sistema internacional. Alguns dos novos paradigmas mais fecundos a respeito do desenvolvimento nacional surgiu na América Latina, especialmente no trabalho teórico de J. Martín-Barbero e N. Garcia-Canclini. Novamente, estes teóricos destacaram a importância da integração e do diálogo culturais em termos regionais da América Latina. Há uma mudança de explicações de finalidade única, como a transformação econômica ou o desenvolvimento político do Estado, ou mesmo transformações estruturais de base popular. A mudança contempla explicações de multiparadigmas. Ambos, Martín-Barbero e Garcia-Canclini, de acordo com a minha leitura, vêem a cultura como sistemas de pensamento, como o campo em que emergem a integração e o propósito sociais. Ambos reconhecem o fator de hegemonias culturais, mas destacam processos de mistura ou hibridização culturais como forma de reconhecer e encorajar. Martín-Barbero destaca a televisão e, especialmente, a *telenovela*, como uma das áreas mais importantes, na qual diversos setores institucionais e classes sociais reúnem-se para construir o pensamento. Ele não vê este processo de construção de pensamento como o consumo da televisão simplesmente, mas como várias formas de mediação.

**Sonia V. Moreira** – *O senhor considera as teorias de Martín-Barbero e Garcia-Canclini como a saída para este impasse?*

**Robert White** – Acho que elas oferecem elementos muito importantes, especialmente na sua concepção de formação de uma aliança hegemônica e do papel da dinâmica de novos movimentos sociais. Martín-Barbero considerou os movimentos sociais uma das mediações mais importantes. Talvez tenha sido inadequado que muito do acompanhamento de Martín-Barbero tenha focalizado a análise de recepção – freqüentemente em nível puramente descritivo e taxionômico – e não o papel das mediações, que é o centro de sua contribuição teórica. Pelo menos esperava-se que a pesquisa sobre a recepção de telenovelas vinculasse esta análise descritiva ao pensamento sobre as mediações sociais. Houve um número considerável de pesquisas sobre novos movimentos sociais na América Latina, mas isto é feito freqüentemente por latino-americanos em universidades dos Estados Unidos, e não há muita referência ao desenvolvimento de teorias de comunicação e de cultura na América Latina. Acredito que uma das contribuições mais importantes de Martín-Barbero foi indicar as tendências maniqueístas ou “fundamentalistas” na dinâmica sociocultural da América Latina e de outras regiões de países do Sul. O destaque de um paradigma particular de desenvolvimento como o único modelo “verdadeiro” é uma manifestação disto. O fenômeno das “guerras culturais” entre fundamentalistas é mundial. A maioria dos elementos mais criativos de muitas de nossas instituições – a universidade, a igreja, os partidos políticos – é simplesmente bloqueada ou omitida. Se uma abordagem teórica em uma universidade ou uma abordagem teológica em uma igreja não for aceita pelo grupo dominante, não terá esperança de acesso para formar uma

discussão pública naquelas instituições. Na realidade, não há debate público. Existe muito pouca interação cultural geradora de novas idéias. Há uma atmosfera geral de estagnação intelectual e um enorme problema com a partida dos melhores pesquisadores em busca de pastos mais verdes dos países do Norte. Alguns dos paradigmas de desenvolvimento mais interessantes são baseados no entendimento dos processos sociais que conduzem à negociação e ao diálogo culturais.

**Sonia V. Moreira** – *Como sua pesquisa e publicação trataram estes processos de negociação e diálogo culturais?*

**Robert White** – Tenho me interessado sobre os processos culturais que tiram um setor cultural do seu próprio interior, parecendo “fundamentalismo”, e os leva a considerar seriamente as idéias de outro setor cultural que parecem ser, a princípio, completamente contrárias. Muito da minha publicação na área da comunicação e desenvolvimento teve como objetivo criar uma teoria de negociação cultural e diálogo cultural. As premissas ideais são:

- em primeiro lugar, cada setor cultural tem o direito de manter sua própria tradição;
- em segundo lugar, as tendências da concentração de poder, os conflitos socioculturais e as alianças hegemônicas são uma parte endêmica de nossas sociedades, mas também existem tendências de aparecimento de novos agentes sociais e de abertura de formações culturais hegemônicas para novas dimensões culturais;
- em terceiro lugar, os agentes sociais podem identificar a utilidade da remoção do conflito da esfera armada para uma área de conflito sobre a definição do pensamento em espaços culturais;
- em quarto lugar, o conflito e o debate culturais já são uma forma de comunicação, e o início da negociação e do diálogo;
- em quinto lugar, os símbolos culturais negociados que surgem no “limite” de setores culturais, a fim de terem algum tipo de troca harmoniosa, são o início de um novo conjunto de símbolos comuns em que grupos culturais diferentes podem se identificar de diversas maneiras. Portanto, caso existam diferenças acentuadas em um nível, pode haver acordo em um nível mais elevado de integração simbólica;
- a sexta premissa ideal é quando uma determinada instituição, ou uma nação, ou uma região transnacional, cria símbolos comuns que atraem a identificação de muitos setores diferentes de uma nação. Isto libera uma energia criativa enorme em uma nação ou região em cada aspecto da vida: empenho econômico e científico, criatividade formada previamente na mídia, criatividade religiosa, novas formas de participação política etc.

A questão central é como uma nação ou região chega à conclusão de que os conflitos fundamentalistas devem ser deslocados para o nível do conflito cultural, dramático. Venho estudando casos particulares, como o da África do Sul, que evitou cair numa violência sangrenta e foi capaz de caminhar para uma sociedade civil pluralista. O que é particularmente interessante é como as energias culturais na África do Sul estão conduzindo o país à expansão econômica, mas também a grandes tipos de criatividade.

**Sonia V. Moreira** – *O senhor percebe padrões particulares de negociação e diálogo culturais relacionados ao desenvolvimento?*

**Robert White** – Analisei pelo menos três processos de negociação e diálogo culturais. A negociação representa um fim do continuísmo, onde há uma representação mútua de direitos, mas menos compartilhamento real de valores comuns e símbolos comuns, visto que o diálogo reside no outro extremo do continuísmo, envolvendo mais criação de símbolos comuns de identificação. Um dos processos é o das instituições que têm uma longa história, mas são capazes de reconhecer a importância de novos agentes e encontrar um novo papel em uma sociedade mais complexa. Essas instituições foram capazes de ceder muito de sua cultura e outras formas de poder para a criatividade.

comunicação, troca e diálogo com outros agentes sociais, de tal forma que reconhecem o valor de outros agentes sociais para elas mesmas e para o bem da sociedade como um todo. Novos agentes sociais trazem uma orientação radicalmente diferente à sociedade, mas as instituições mais antigas são capazes de encontrar algo de novo em suas tradições, de modo que podem aceitar novos agentes sem, entretanto, trair sua identidade cultural.

**Sonia V. Moreira** – *Então é um processo de interação?*

**Robert White** – Sim. O processo de interação começa frequentemente de maneira hostil, conflitante, mas que requer que cada instituição, para defender-se, “examine” os valores constitutivos de outras instituições. As instituições mais antigas devem compreender por que novos agentes sociais são atraentes em uma sociedade e descobrir alguns desses símbolos e recursos atraentes em sua própria tradição. Obviamente, o grau de poder que os novos agentes sociais podem acumular é um fator importante para comandar a atenção de uma sociedade. Através da interação entre antigos e novos agentes sociais, surgem um código comum perceptível por ambas as instituições e símbolos com os quais podem se identificar. A mídia de massa é muito importante neste processo de diálogo cultural, porque oferece um fórum em que os valores dos novos agentes sociais são apresentados de maneira atraente. A mídia também retrata uma diversidade de instituições que interagem de forma mais humana e lúdica. Geralmente os meios de comunicação facilitam o processo de negociação e diálogo culturais porque:

- 1) são populares e incluem todos os agentes sociais, por exemplo, em obras de ficção;
- 2) a mídia é um contexto festivo, lúdico, quase imperceptível, em que a rigidez doutrinária, fundamentalista, é menos proeminente;
- 3) o conflito é trazido ao nível da manifestação dramática de símbolos que tentam dominar o espaço do pensamento;
- 4) o contexto festivo da mídia significa que os símbolos comuns são apresentados de maneira muito vigorosa;
- 5) o controle hegemônico é sempre uma tentativa da mídia, mas em linguagem altamente conotativa, onde cada símbolo possui tantos significados possíveis para grupos diferentes, que as pessoas podem escolher o que quiserem.

O trabalho de Jorge Gonzalez sobre expressões culturais e festivais urbanos foi uma inspiração decisiva para que eu desenvolvesse o papel da mídia no diálogo e na negociação culturais. O segundo processo ocorre quando o fundamentalismo hostil é interrompido ou tem significado antagônico, tornando-se evidente que o prosseguimento de uma luta sangrenta simplesmente destruiria tudo. Os setores percebem que é melhor negociar e encontrar símbolos comuns que permitam a todos viver da melhor forma possível. Esta é a minha análise do processo na África do Sul e na Irlanda do Norte. O terceiro processo são aqueles grupos que escolhem tornarem-se ilhas culturais dentro de uma sociedade maior, reduzindo a interação ao mínimo e, em vez de encontrar um lugar para o grupo no espaço cultural da nação, simplesmente deixam que a corrente do desenvolvimento cultural siga seu caminho. Estes grupos sectários ou tribais desejam negociar uma tolerância da sociedade como um todo, contanto que não perturbem a sociedade como um todo. Isto permite que o grupo retenha seu fundamentalismo de forma não-agressiva para outros grupos.

**Sonia V. Moreira** – *O senhor percebe um interesse maior nas teorias e pesquisas sobre o paradigma de negociação cultural do desenvolvimento?*

**Robert White** – Uma tendência dominante é o paradigma comunitário em ambas as teorias – explicativa e normativa – das ciências sociais. Isto é particularmente marcado na área da teoria normativa, ou seja, ética da comunicação e política pública. Mas há tendências similares no trabalho de teóricos como Anthony Giddens. Como mencionei, vejo o trabalho de Martín-Barbero e Garcia-Canclini caminhando nesta direção.

**Sonia V. Moreira** – *E as contribuições de Wilbur Schramm aos estudos sobre desenvolvimento nacional: ainda são atuais?*

**Robert White** – Wilbur Schramm está associado ao paradigma da comunicação e desenvolvimento que já não é eficaz. Ele raramente é citado atualmente. A contribuição mais consistente é a pesquisa que ele organizou sobre o uso da mídia para a educação e o desenvolvimento, executada amplamente por seus alunos, tais como E. McAnany, J. Mayo, R. Hornik e outros. Esta pesquisa mostrou que a mídia podia ser usada efetivamente, especialmente na educação. Surpreendentemente, não foram realizadas muitas pesquisas sobre estes tópicos nos últimos vinte anos e os estudos realizados em Stanford sob a iniciativa de Schramm ainda representam contribuições importantes.

**Sonia V. Moreira** – *Algo que parece também ser uma preocupação entre os pesquisadores de mídia da América Latina, do Brasil em particular, é a falta de estudos e pesquisas mais profundos sobre a ética da mídia, especialmente a ética no jornalismo. Quais são os seus comentários sobre a situação real desta área de estudo na América Latina e em outros países?*

**Robert White** – Não existe muita preocupação com a ética da mídia porque a tradição de “responsabilidade social” não é muito forte na América Latina. Os movimentos de reforma da mídia realizados nos anos 1970 e 1980 procuravam mudanças estruturais básicas na sociedade da América Latina e a democratização da comunicação em geral. A ética profissional estava incluída nisso. O interesse na ética profissional na mídia é forte nos Estados Unidos, onde a tradição da responsabilidade social impregnou o mundo da mídia. Naquele contexto, a mídia era vista como importante para o desenvolvimento da democracia política e para a qualidade de vida da sociedade. Na América Latina a mídia é simplesmente um negócio e realmente não parece, para as pessoas, que a mídia tenha qualquer moral, responsabilidade social.

**Sonia V. Moreira** – *Qual foi a sua experiência mais interessante durante o período em que viveu na América Latina? Há algum trabalho que o senhor gostaria de mencionar, como sua associação à ALER, por exemplo?*

**Robert White** – Sim, o trabalho com a ALER (Associação Latino-americana de Educação Radiofônica) e a pesquisa que realizamos em escolas de rádio foram os períodos mais interessantes da minha pesquisa. Mas o trabalho com o ILET (Instituto Latino-americano de Estudos Transnacionais) e sobre a democratização da comunicação também foram interessantes.

**Sonia V. Moreira** – *Em que consiste o seu trabalho como membro do comitê de publicações da IAMCR (International Association for Media and Communication Research)? Existem atualmente áreas de interesse especial para publicação?*

**Robert White** – O comitê de publicações encoraja cada setor a publicar um ou dois livros sobre as tendências atuais a cada cinco anos. O comitê esteve menos ativo nos últimos anos, mas agora está começando uma nova etapa, sob a direção de seu novo presidente, Sr. Morgan.

**Sonia V. Moreira** – *Para encerrar: o senhor poderia descrever o teor de suas aulas sobre Ética da Comunicação na Universidade Gregoriana?*

**Robert White** – No meu curso destacamos não somente os aspectos deontológicos da ética da mídia, mas a teoria normativa da mídia oculta na sociedade. Apresento o desenvolvimento histórico da teoria normativa através do corporativismo, libertarismo, responsabilidade social, democratização e dimensões comunitárias contemporâneas da comunicação pública. Encaro isto como o fundamento para aplicações mais concretas em deontologia, treinando jornalistas em ética na mídia e no projeto de política da comunicação. Os alunos devem adaptar a teoria geral a teses concretas. Também tenho um seminário contínuo de quatro semestres para candidatos a doutorado na área de ética na mídia. Lemos juntos os 40 ou 50 principais clássicos de ética na mídia. Atualmente estou trabalhando em um livro que trata de teorias normativas da comunicação, junto com Denis McQuail, Clifford Christians, Kaarle Nordenstreng e Ted Glasser.

Robert White atualmente é professor de Comunicação e Desenvolvimento e de Ética na Comunicação da Universidade Gregoriana em Roma, na Itália. Também é professor de cursos sobre Mídia, Religião e Cultura e coordena o programa de doutorado em Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais na Universidade Gregoriana. Robert White tem mestrado em Antropologia Cultural pela St. Louis University, nos Estados Unidos, e doutorado em Sociologia do Desenvolvimento pela Cornell University, em Nova York.

De 1973 a 1977, o Prof. White foi membro do Instituto de Estudios Socio Economicos em Honduras e realizou amplos estudos sobre escolas de rádio e rádio comunitária em vários países da América Latina e do Caribe. De 1978 a 1989 foi diretor de pesquisa do Centro de Estudo de Comunicação e Cultura em Londres, na Inglaterra. Naqueles anos, fundou a *Communication Research Trends*, a série de livros “Communication and Human Values”, publicado pela Sage, e “Comunicación Popular”, publicado pela Ediciones Paulinas de Buenos Aires. Na mesma época trabalhou no ILET em Lima, participou da FELAFACS, da ALAIC e de outras redes de pesquisa sobre comunicação na América Latina. Também foi membro atuante da ALER (Asociación Latinoamericana de Educación Radiofónica).

Em 1990 Robert White foi nomeado professor do Centro Interdisciplinare sulla Comunicazione Sociale na Universidade Gregoriana e, de 1991 a 2001, foi diretor do Programa de Comunicação. Possui diversas publicações sobre comunicação e desenvolvimento, ética na comunicação e mídia e religião. Atualmente está preparando um livro sobre teorias normativas da comunicação pública, em co-autoria com Denis McQuail, Clifford Christians, Kaarle Nordenstreng e Ted Glasser. Recentemente contribuiu com dois capítulos para o livro *Media Ethics*, publicado pelo European Center for Ethics em Bruxelas, e um capítulo para o livro *Rethinking Media, Religion and Culture*, coordenado por S. Hoover e K. Lundby. Robert White foi professor visitante da Universidade de São Paulo em 1994 e palestrante na Unisinos e no Instituto Metodista no Brasil. É membro da comissão internacional de estudo sobre Mídia, Religião e Cultura, patrocinado pela Porticus Foundation, na Holanda, e membro permanente do comitê de publicações da International Association for Media and Communication Research (IAMCR).